

SUS sufoca rede hospitalar do DF com falta de verbas

SÉRGIO ALMEIDA/CEDOC

GDF RECEBE DINHEIRO PARA DOIS MILHÕES DE CONSULTAS POR ANO, MAS NÚMERO DE ATENDIMENTO PASSA DOS CINCO MILHÕES

João Júnior

O Sistema Único de Saúde (SUS) está sufocando o atendimento médico da rede hospitalar do Distrito Federal. Atualmente é repassado à Secretaria de Saúde recurso para bancar o equivalente a uma consulta médica por ano por habitante, o que representaria dois milhões de atendimentos anuais. Só que, na verdade, ocorrem 5,4 milhões de consultas por ano no DF.

"Há quatro anos, esse número era de 4,1 milhões, e de lá para cá não tivemos nenhum aumento de recursos", lembra o Secretário de Saúde, Paulo Kalume. Mas a situação ainda é pior: "Por outro lado, os preços dos remédios subiram, e muitos deles estão vinculados ao dólar", acrescentou.

Tudo isso ocorre por causa de um problema antigo e conhecido, mas que ainda não tem uma solução: os pacientes que vêm de outros estados. Em média, 30% dos atendimentos nos hospitais do DF são de pacientes "importados". Mas em alguns hospitais a situação é dramática: "Em cidades mais próximas do Entorno, como Gama, Brazlândia e Planaltina, esse índice sobe para 70%", afirmou Kalume.

Esta pressão sobre a rede

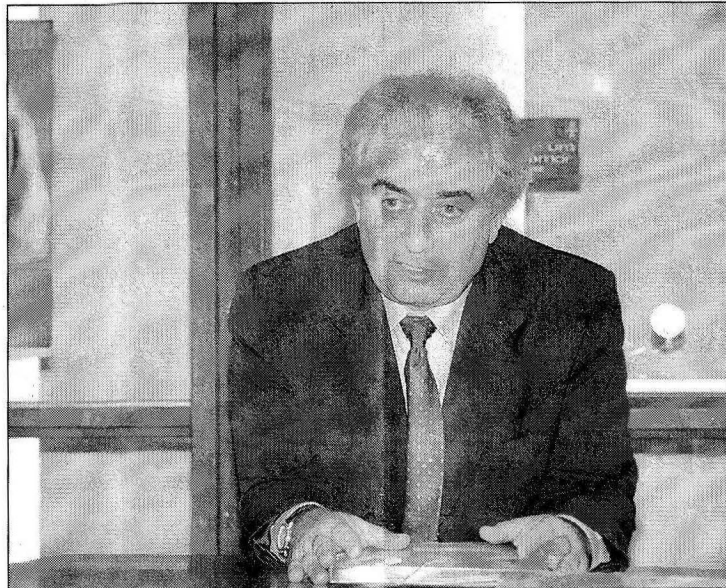
hospitalar pública de Brasília causa não apenas problemas no atendimento à população mas também desabastecimento mais rápido nas prateleiras de medicamentos. "Assim, o consumo de remédios fica sempre além do previsto, mas não há nada que não seja resolvido rapidamente", frisou o secretário de Saúde.

Kalume garantiu ontem que não há nenhuma crise de falta de remédios nos hospitais de Brasília. Segundo ele, estão registrados apenas alguns casos isolados de atrasos na compra de medicamentos, provocados por fatores como demora nas licitações, escassez temporária de remédios para venda no mercado e excesso de pacientes na rede pública.

Quando há situações de emergência, a Secretaria compra remédios em pequenas quantidades para substituir os que eventualmente faltam por causa dos atrasos nas licitações, conforme explicou Paulo Kalume.

Em relação aos exames para detectar a Aids, o serviço foi normalizado na manhã de ontem. Por falta de kits para fazer o teste, estava havendo demora na entrega dos resultados. Mas, segundo Kalume, o atendimento ao público nunca foi suspenso (ao contrário do que chegou a ser divulgado), já que o paciente só precisa fazer um exame de sangue comum. Os kits necessários para avaliar o sangue chegaram e o problema foi resolvido", informou ele.

No caso da falta das enzimas pancrease e ultrase (usadas no combate à fibrose



KALUME: "Não há nada que não seja resolvido rapidamente"

A situação atual

► **Exames de Aids** – A entrega dos resultados estava sofrendo atrasos por causa da falta de kits para fazer os testes. O problema foi resolvido ontem, com a chegada de novos kits (que examinam o sangue do paciente para ver se ele está com Aids).

► **Pancrease e ultrase** – Está havendo falta dessas drogas, usadas no combate à fibrose cística. Só existe um laboratório fornecedor do produto em todo o País, e ele não tem estoque suficiente para atender a demanda. A Secretaria já fez uma nova encomenda, mas ainda não há prazo para a entrega do remédio.

► **Demora nas licitações** – As empresas que perdem as licitações para a compra de remédios entram com recursos, atrasando o processo de compra. O departamento jurídico da Secretaria de Saúde está estudando alternativas legais para agilizar as licitações.

► **Mais remédios** – Na relação de medicamentos repassados pelo SUS, não estão incluídos todos os medicamentos que a rede hospitalar do DF usa. Na próxima semana, o secretário Paulo Kalume vai pedir ao ministro da Saúde, Barjas Negri, que a lista de remédios seja ampliada.

cística, que causa desnutrição e insuficiência respiratória), o problema, diz Kalume, é que existe apenas um laboratório fornecedor dessas drogas no País.

"Apesar de haver anunciado que o produto estava disponível, o laboratório não tinha estoque suficiente para

atender a demanda de todo o Brasil", explicou Kalume. "Existem centenas de doenças, e esse é o único caso em que realmente houve problema. Lamentavelmente, uma parte da imprensa divulgou algo isolado como se fosse uma crise de grandes proporções", disse o secretário.